

# De armas na mão

## — editorial do programa "Voz da FRELIMO"

N. 24/6/82 p. 3

Na sua edição de ontem, o programa «Voz da FRELIMO», órgão oficial do Partido, emitiu um editorial intitulado «De Armas na Mão», o qual passamos a transcrever na íntegra:

«Vinte anos é muito pouco na vida de um Povo. Sete anos, é quase nada. Porém, nos vinte anos decorridos desde que um grupo de patriotas fundou a Frente de Libertação de Moçambique, nos sete anos passados desde que, em nome do Comité Central da FRELIMO, o Camarada Presidente Samora Machel proclamou a República Popular de Moçambique, neste curto espaço de tempo, que é quase nada em termos de História, o nosso Povo percorreu um caminho gigantesco. Um caminho maior do que aquele que, anteriormente, havia percorrido em vários séculos.

Neste período, forjámos e consolidámos a consciência e a unidade nacionais — de tribos, de raças, de regiões que éramos —, transformámo-nos num só Povo, numa só Nação. Neste período, derrotámos o colonialismo português, expulsámos o invasor estrangeiro do

solo da nossa terra, proclamámos a independência nacional. Neste período, declaramos e vencemos a guerra contra o feudalismo e o capitalismo, os dois sistemas de exploração que, desde há séculos, imperavam no nosso País e oprimiam o nosso Povo. Neste período, lançámos as bases sólidas, as raízes profundas de uma sociedade justa, livre e democrática, onde tudo é feito pelo Povo e para o Povo. Neste período, enfrentámos e vencemos a guerra criminosa e selvagem que nos foi movida pelo regime rebelde da Rodésia do Sul, ajudando ao mesmo tempo o Povo irmão do Zimbabwe a derrotá-lo e a conquistar a sua própria liberdade. Neste período, finalmente, criámos e consolidámos o Partido Frelimo, Partido marxista-leninista, factor decisivo para o triunfo da Revolução, para a construção do Socialismo.

Por isso, ao festejarmos os vinte anos da fundação da FRELIMO, os sete anos da independência nacional, estamos orgulhosos pelo caminho que já percorremos, pelos avanços que já alcançamos.

Esse orgulho legítimo não nos impede de reconhecermos as dificuldades reais que ainda hoje enfrentamos, os problemas grandes que temos ainda para resolver. Mas dá-nos a confiança, a convicção profunda de que, uma vez mais, o nosso Povo, sob a direcção do nosso Partido, derrubará todos os obstáculos e sairá vitorioso de todas as batalhas que tem ainda de travar.

Os últimos vinte anos foram, para o nosso Povo, anos de luta incessante, de confrontação permanente e quase sempre violenta com o imperialismo e os seus agentes internos. Também os dias que hoje vivemos não são de paz, nem o serão, com toda a certeza, os tempos que se avizinham.

No plano externo, sabemos que não teremos paz enquanto viver, nas nossas fronteiras, um regime criminoso, desumano e agressivo como é o regime racista e minoritário da África do Sul, ponta de lança principal do imperialismo na nossa zona. Regime que nos odeia porque representa a opressão e a injustiça, e nós somos a liberdade e a justiça. Regime que nos agride porque

ele é o velho e nós somos o novo, ele é o passado e nós somos o futuro.

No plano interno, a pequena burguesia assume-se como o prolongamento do imperialismo, do racismo, do «apartheid», permanece fiel aos antigos patrões, recusa viver ao sol da liberdade, respirar o oxigénio puro e vivificante da igualdade e da justiça social. Infima minoria desprovida de força própria, a burguesia interna busca no regime sul-africano, condenado por toda a Humanidade, a força que não tem; vê nos bandos armados, que são instrumento desse regime, os seus aliados naturais. E complementa a acção dos bandos com a sabotagem, o boato, a calúnia, a subversão ideológica, a desestabilização social.

É por isso que, vinte anos após a fundação da FRELIMO, sete anos após a proclamação da independência, continuamos de armas na mão. Não faz mal. Amamos a paz mas sabemos fazer a guerra. E, como disse ainda recentemente o Camarada Presidente, quando lutamos é para vencer. Derrotaremos as agressões do imperialismo, sejam elas quais forem. Esmagaremos o inimigo interno como quem esmagá, debaixo dos pés, um rato imundo, mal-cheiroso.

Porque é essa, perante a força imensa do Povo e do seu Partido, a dimensão exacta do inimigo interno: um animal pequeno, isolado, que rói aqui, suja ali, incomoda, cheira mal, faz estragos, espalha a doença — mas cujo inevitável destino é, mais cedo ou mais tarde, ser encurralado, apanhado, morto e atirado para o caixote do lixo.»